

A violência e a desigualdade social: faces da mesma moeda

Dante Galeffi

A violência e suas faces constituem também o motor da história da humanidade. A violência que se presencia hoje nas culturas ibero-americanas encontra a sua gênese na desigualdade social e no modo de produção capitalista imperante. O estado de violência é produzido por desigualdades sociais que marcam a história da humanidade desde os seus primórdios. Entretanto, o próprio mundo natural também se manifesta de modo violento na medida em que tudo se encontra em “luta” no universo e a vida é uma perene luta contra a morte. Globalmente vivemos na idade do conhecimento, da informação e da violência cada vez mais estranha e incontrolável pelos meios político-econômicos normais (dominantes). Acredito que a estranheza e o mal-estar causados pela violência podem ser investigados para além das metrificações estatísticas e das prescrições burocráticas relativas à violência. Considero importante empreender uma investigação radical do “estado de violência” atual da humanidade, procurando-se compreender e interpretar a violência em suas diversas faces, e por isso se impõe a posse de um método mais intuitivo do que analítico, o que também requer a atitude da suspeita e da indagação radical.

A violência tornou-se uma emergência triética na era global contemporânea: violência ambiental, violência social e violência mental. As causas e razões da violência além de econômicas e políticas são também estéticas e éticas envolvendo o campo afetivo das relações interpessoais e transpessoais de modo imediato. E como a violência está em toda parte e, sobretudo, nos países mais desiguais social e economicamente, posso também falar um pouco da violência crescente na cidade do Salvador (Bahia – Brasil) onde estou. Talvez cada cidade latino-americana e dos demais espaços do planeta apresente uma face distinta das múltiplas faces da violência pensada em sua presença fática. Mas, talvez se encontre mais semelhanças do que diferenças entre as várias manifestações violentas do mundo. Hoje através das redes sociais e dos demais meios de comunicação a violência se propaga como “rastilho de pólvora”. Nos noticiários a ênfase da violência compete com os *reality shows* e funciona simbolicamente como advertência para que todos tenham medo da violência e vivam amedrontados por ela. O assassinato do Outro já naturalizou o modo cruel como se mata e se tira a vida, seja dos

“marginais” e suas gangues e falanges e de todas as vítimas, como também a banalidade de como a polícia passou a ser caçada pela caça, e se faz a caça predileta dos “marginais” aparelhados por dinheiro que produz armas. Na cidade do Salvador a violência ambiental é disfarçada de grandes empreendimentos imobiliários que se oferecem como ilhas de segurança para os consumidores ingênuos e ignorantes de sua condição de capturados pelas redes do sistema produtor dos sonhos de consumo mais fantásticos. Tudo virou mercadoria e tudo é consumido na mais valia do capital exposto em sua essência violenta, competitiva e subordinante (escravagista ao modo pós-moderno). Um modo de “escravizar” muito mais sofisticado impera atualmente e a democracia se concretiza como regime de desigualdade. A violência social já se encontra presente na violência ambiental e a violência mental é o que produz a maior violência social e ambiental. A cidade do Salvador é a expressão da desigualdade e do desequilíbrio social. Apesar de ser uma cidade cheia de encantos e magias tornou-se perigosa e seus cidadãos neuróticos como o que acontece em qualquer cidade marcada pela desigualdade em seu próprio tecido urbano. A violência mental tem se mostrado cada vez mais materializada nos filmes e seriados de ação: tornou-se uma violência estetizada e erótica que induz a uma modelagem comportamental homogeneizante e que exclui o diferente em sua diferença radical. Ora, esta não é mais apenas uma característica de uma cidade específica por ser um fenômeno humano hoje generalizado e globalizado. Vivemos sob as redes de captura da sociedade do controle que dispõe de todos os dados que circulam na web e nas comunicações telefônicas e trata de potencializar e dispor da violência como estado natural. E neste mundo tão desigual em que vivem pessoas tão estúpidas e prepotentes, parece que o ser humano adoeceu para o sentido de sua plenitude vivente e livre e se acomodou nas relações econômicas e políticas desiguais e insustentáveis. Perdeu-se o sentido de uma terceira via que não é nem de direita e nem de esquerda, mas a via do acontecimento criador vital. Se não houver uma revolução de valores, uma transvaloração de todos os valores que produzem a desigualdade e a exclusão dos “diferentes”, que tipo de Deus poderá salvar a humanidade de seu ímpeto bélico e trans-violento? Ora, esta é uma boa oportunidade para investigarmos a gênese ambiental, social e mental da violência, talvez para nos darmos conta de que as origens da violência humana se encontram na incapacidade de ultrapassar as fronteiras do mundo familiar e ganhar o mundo da vida em sua totalidade

sempre inconclusa, sempre em devir. A violência encontra-se no ser humano e só ele pode decidir transformá-la em não-violência vital.

Para citar este artículo: Galeffi, D. (2015). A violência e a desigualdade social: faces da mesma moeda. *Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales* (V), pp.23-24. Recuperado de <http://iberoamericasocial.com/a-violencia-e-a-desigualdade-social-faces-da-mesma-moeda/>

Fonte: <http://iberoamericasocial.com/a-violencia-e-a-desigualdade-social-faces-da-mesma-moeda/>